

UNIVERSIDADE
DO
PARANÁ

LETRAS

FACULDADE
DE
FILOSOFIA

REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS

Diretores: *R. F. MANSUR GUÉRIOS*
GUILLERMO DE LA CRUZ-CORONADO

Curitiba - Brasil



Abril de 1955



N. 3

SÁ NUNES

HOMERO DE BARROS

Perdeu o Brasil, com a morte de José de Sá Nunes, o maior dos seus filólogos contemporâneos.

Ligado ao Paraná desde 1920, quando ingressou na magistratura como Juiz de Direito Substituto da comarca de Castro, militando posteriormente na advocacia e passando a exercer a Promotoria Pública de União da Vitória, foi aqui que começou o eminente baiano a dar largas aos seus estudos filológicos que lhe abriram as portas do magistério especializado, em memorável concurso para a cátedra de Português, do antigo Ginásio Paranaense, em 1921. Dois anos decorridos e ei-lo catedrático também da Escola Normal Secundária de Curitiba, hoje Instituto de Educação, do qual veio a ser Diretor.

Quer como professor, quer na função administrativa de alta responsabilidade, a sua linha de conduta se fez de excepcional brilhantismo e de admirável retidão pela absoluta fidelidade aos princípios que o nortearam na vida. Daí as adversidades que teve de arrostar com grande reserva de energias morais, através duma batalha insana em prol da moralidade no ensino, da forma-

ção espiritual da mocidade e da defesa da correção da linguagem, cômico de que, face aos seus deveres para com Deus e para com a Pátria, ensinar aos que não sabem, propugnando simultaneamente a pureza do idioma, é obra de religião e de patriotismo, mormente num meio onde campeava o indiferentismo religioso sob a nefasta influência de remanescentes do liberalismo que proclamavam a ignorância religiosa da escola leiga como um dos postulados mais sedutores da democracia liberal.

A serviço dessas diretrizes, foi José de Sá Nunes um polemista de primeira ordem, distinguindo-se, por outro lado, como conferencista católico e seguro doutrinador. Das suas conferências sôbre tema religioso fizeram-se notáveis as realizadas na União Católica Brasileira, do Rio, intitulada **Um fruto social da educação anticatólica**, pronunciada em 1919; a **Conferência no Colégio do Bom Jesus**, sob o patrocínio do **Grêmio Literário de S. Luís**, em 1928; **Os Conversos**, proferida em 1930, no Círculo de Estudos Bandeirantes; a série de palestras realizadas na Casa das Associações Católicas e no Colégio do Bom Jesus, de Curitiba, além das suas orações cívicas como a **Saudação à Pátria Brasileira**, no jubileu da sua independência política em 1922, a **Saudação a Alberto de Oliveira**, a **Língua Portuguesa** e a **Unidade Nacional**, na Reitoria da Universidade de Porto Alegre, em 1938.

A sua bibliografia filológica compreende dezenas de trabalhos dos mais excelentes, dentre os quais se distinguem o **Sinclitismo Pronominal no Idioma Luso-Brasileiro**; a **Tese à cadeira de filologia portuguesa da Universidade de S. Paulo**; as cinqüenta publicações na **Excelsior**; o **Consultório de advocacia gramatical** (desde o n.º 1, de janeiro de 1925, até o n.º 15, de julho de 1928, ininterruptamente na revista **Brasiliana**, do Rio; a colaboração efetiva na **Revista de Língua Portuguesa** do Rio; os comentários à **Réplica**, de Rui Barbosa; as **Consultas gramaticais e filológicas** (ns. 57 e segts.); a série de livros **Língua Vernácula** (Gramática e Antologia) além de diversos livros sôbre ortografia, assunto em que foi, sem favor, a primeira das nossas autoridades.

Ninguém o superou na estupenda capacidade de trabalho. **Nulla dies sine linea**, dizia êle ser o seu lema e assim jamais deixou passar dia sem escrever uma linha ou tecer uma frase. Discí-

pulo dileto de Carneiro Ribeiro e admirador, sem restrições, de Rui Barbosa, cujas obras anotou minuciosamente, sabendo-as de memória em grande parte, Sá Nunes foi o reflexo fiel e continuador insigne da vocação filológica e literária daquelas duas gigantes organizações mentais que a Bahia nos legou.

Em 1939, o Govêrno de S. Paulo houve por bem contratá-lo para reger a cadeira de Filologia Portuguêsa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade daquele Estado, honroso convite a que aquiesceu, após haver sido convidado pelo Ministério das Relações Exteriores para, juntamente, com Ramiz Galvão, José Oiticica, Raggio Nóbrega, Antenor Nascentes, e Laudelino Freire, representar o Brasil no **Quarto Congresso Internacional de Lingüistas** na Universidade de Copenhague.

Depois de prelecionar por algum tempo na Universidade de S. Paulo, transferiu-se para o Rio, onde, com Cláudio de Sousa e outros, organizou o P.E.N. Clube do Brasil e dedicou-se assiduamente à colaboração na imprensa, sobressaindo-se, no quadro de colaboradores do **Correio da Manhã**. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística contratou-o então para uma função técnica e valeu-se da sua reconhecida competência para a feitura do maior vocabulário de **Topônimos** de que dispomos. A Academia Brasileira de Letras chamou-o para colaborar nos trabalhos do acôrdo ortográfico firmado com a Academia das Ciências de Lisboa, à vista das suas múltiplas publicações e estudos em matéria de ortografia, e incumbiu-o de ir a Portugal, juntamente com a comissão presidida pelo Prof. Pedro Calmon, a-fim-de fixar as bases de um convênio. Em 1945, reuniu-se na capital lusitana a Conferência Interacadêmica para tratar do assunto. A representação que, a 10 de Agôsto de 1945, firmou o acôrdo, constituiu-se de Júlio Dantas, Gustavo Cordeiro Ramos, José Maria Queirós Veloso, Francisco da Luz Rebêlo Gonçalves e Luís da Cunha Gonçalves, pela Academia das Ciências de Lisboa; Pedro Calmon, Ribeiro Couto, Olegário Mariano e José de Sá Nunes, pela Academia Brasileira de Letras. Em Dezembro do mesmo ano, o Presidente da República aprovou o Acôrdo para unidade ortográfica da língua portuguêsã e incumbiu a Academia Brasileira de elaborar um Vocabulário Ortográfico Resumido, tarefa con-

fiada principalmente a Sá Nunes e concluída a 10 de Dezembro de 1946, sob o título de **Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa**.

Por ocasião dessa representação no país irmão, o eminente patricio recebeu, além de outras dignidades, a insígnia de Comendador.

Outro serviço relevante que a Nação lhe ficou a dever foi o redigir a Constituição Federal de 1946, sem remuneração alguma. À medida que marchavam os trabalhos parlamentares de elaboração do texto de nossa Magna Carta, iam sendo os originais encaminhados à revisão de Sá Nunes, que lhes dava a forma definitiva. Foi intermediário disso o então senador Nereu Ramos.

Após essa fase de sua vida, multiplicaram-se as promessas de cargo público à altura do seu merecimento, mas nunca se concretizaram. O Paraná, que muito lhe ficou a dever, fechou-lhe por fim as possibilidades de reingresso no magistério, quando êle pretendeu retornar através da reintegração a que tinha direito.

O nome do Prof. José de Sá Nunes, contudo, ficou sendo motivo de orgulho das gerações que aproveitaram as luzes da sua inteligência e da sua fecunda sabedoria, porque êle passou para a imortalidade como legítimo padrão de glória da cultura nacional.

